

Memórias da fundação do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena (CPEI)

Regina Polo Müller

Professora associada aposentada da Universidade Estadual de Campinas.

polomuller@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8819-6057>

Robin Michel Wright

Professor titular aposentado da Universidade Estadual de Campinas.

rowrightrobin@yahoo.com

<https://orcid.org/0000-0002-4657-2093>

Vanessa Rosemary Lea

Professora titular colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas.

vanessa.r.lea@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7239-717X>

Wilmar da Rocha D'Angelis

Professor do Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas.

wilmar.unicamp@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7158-0482>



Resumo

Os relatos que seguem foram gentilmente elaborados por docentes que fizeram parte da trajetória da fundação do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena (CPEI), na Universidade Estadual de Campinas, (UNICAMP), em meados da década de 1990. Partindo de uma perspectiva pessoal, suas memórias dão lastro para que os/as interessados/as vislumbrem, por sua vez, o contexto dos primeiros anos dessa instituição acadêmica. Entrevem-se aspectos das condições históricas que permearam sua fundação, os interesses e projetos que fizeram parte do princípio de sua história, bem como as relações e pessoas que colaboraram na consolidação desse centro de pesquisa.

Palavras-chave:
Instituição; Memória;
Etnologia; Amazônia;
América do Sul.

Abstract

The following reports were kindly prepared by professors who were part of the trajectory of the foundation of the Center for Research in Indigenous Ethnology (CPEI), at the State University of Campinas (UNICAMP), in the mid-1990s. Starting from a personal perspective, their memories provide foundation so that those interested can glimpse, in turn, the context of the early years of this academic institution. Aspects of the historical conditions that permeate its foundation, the interests and projects that were part of the beginning of its history, as well as the relationships and people who collaborated in the realization of this research center are glimpsed.

Keywords: Institution;
Memory; Ethnology;
Amazon; South
America.

CPEI, Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena, um depoimento¹

Por Regina Müller²

Em 1995, ano de fundação do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena (CPEI), eu me encontrava na Unicamp, como diretora do Instituto de Artes e professora de Antropologia da Arte do Departamento de Artes Corporais. Fui admitida ao corpo docente desse departamento em 1987, por conta de minha formação acadêmica e área de pesquisa em arte e etnologia indígena. O curso de dança na Graduação e na Pós-graduação compreende disciplinas e linhas de pesquisa em dança brasileira e performance, uma especialidade que desenvolvi a partir de estudos sobre sociedades indígenas. Minha inserção e, na verdade, meu retorno à Unicamp, se completou nesse ano, com minha participação na criação do CPEI do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH).

Eu voltava à universidade que me concedeu o título de mestre em Antropologia Social. Colegas do Departamento de Antropologia do IFCH tomaram a iniciativa de convidar docentes de outras unidades para a criação do Centro e eu estava entre eles, juntamente com outros convidados do Instituto de Estudos da Linguagem.

O objetivo era agregar pesquisadores para o “estabelecimento de um espaço institucional voltado para a recepção, produção e divulgação sistemática do conhecimento em etnologia e áreas afins, com particular ênfase nas sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul.” (CPEI, 1995: 1)

Eu me lembro de Robin Wright nos receber com entusiasmo em sua sala, que também era a sede inicial do CPEI, para pensarmos uma programação e atividades de um centro de pesquisa que deveria reforçar a área de Etnologia Indígena, não nos esquecendo que, na época, não era o “forte” das especialidades que compunham o corpo docente... Como consta no relatório de 1995, apenas Robin e Vanessa Lea capitanearam a empreitada, tendo ainda Márcio Silva, que havia recém-chegado e colaborava pontualmente, e John Monteiro, mais propriamente da área de História Indígena.

Lembro-me também da participação de Wilmar D’ Angelis do IEL e Juracilda Veiga, orientanda de Vanessa, naqueles primeiros tem-

1. Os relatos que seguem foram dispostos em ordem alfabética pelo primeiro nome da autora ou autor, não seguindo qualquer hierarquia.

2. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1971), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (1976), doutorado em Ciências Humanas (Antropologia) pela Universidade de São Paulo (1987) e Pós-doutoramento na New York University/ Department of Performance Studies of the Tisch School of the Arts (2003). Atualmente é professora associada aposentada da Universidade Estadual de Campinas.

I Mostra de Etnologia Indígena em Múltiplos Meios

18 a 22 de novembro de 1996

Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena



Foto: Renato Delarole

I MOSTRA DE ETNOLOGIA INDÍGENA EM MÚLTIPLOS MEIOS

18 a 21 de novembro de 1996

Programa:

18 de novembro

14:00hs - Auditório do Instituto de Artes/IA

"Boca de Ouro",

de César Mendes

Centro de Produção Cultural Educativa

CPCE, UnB, 26'.

"Marubo, uma tribo da Amazônia"

de Nilson de Araujo

Centro de Produção Cultural Educativa - CPCE

UnB, 27'.

19 de novembro

12:00hs - Sala de Projeção - Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas/IFCH

CD-Rom **"Imagens da sociedade Mebengokre"**,
de Vanessa Lea / IFCH, UNICAMP, 10'.

"Festa do Kikikoi"

de Juracilda Veiga e Wilmar D'Angelis/IFCH/IEL

Unicamp, 40'.

20 de novembro

14:00hs, Auditório do Instituto de Artes

"Vídeo nas Aldeias"

de Vincent Carelli/CTI, 10"

"Yakwá, o banquete dos espíritos"
de Virginia Valadão / CTI 54'.

21 de novembro
12:00hs, Sala de Vídeo - Instituto de Estudos de Linguagem

"Tristes Trópicos", extratos de filmes da década de 30
de Claude Lévi-Strauss, 45'

"Excursão às nascentes do Xingu- 1944"
SPI, 50'.

22 de novembro
12:00hs, Auditório do Instituto de Artes

"Saforai"
de Regina Müller / IA, UNICAMP, 23'

"Ritual das flautas"
de Delvair Montagne e Regina Müller
CPCE, UnB, 34'.

Mesa Redonda

14:00hs
Auditório do Instituto de Artes

Regina Müller (coordenadora)

Etienne Samain
Delvair Montagne
Juracilda Veiga
Sylvia Caiuby Novaes
Virginia Valadão

Marcus Freire (debatedor)



UNICAMP

Promoção:
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena- CPEI
Diretor Robin Wright
Departamento de Antropologia/IFCH
Programa de Doutorado em Ciências Sociais

Apoio técnico:
Secretaria de Eventos /IFCH

Organizadora:
Regina Polo Müller-Centro de Pesquisa em Etnologia
Indígena/Instituto de Artes

Agradecimentos:
Centro de Trabalho Indigenista-CTI
Centro de Produção Cultural e Educativa/UnB
Instituto de Artes
Instituto de Estudos da Linguagem
Laboratório de Imagem e Som em Antropologia/USP

figura 1. Cartaz do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena para divulgação da I Mostra de Etnologia em Múltiplos Meios

pos em que tínhamos só uma ideia e um desejo de que a área da Etnologia Indígena ocupasse o lugar devido na Unicamp e naquele momento histórico. Copio novamente o relatório com palavras de uma redação iluminada e profética, muito provavelmente pelas mãos do Robin:

No plano interinstitucional, a criação do Centro ocorre num momento de amadurecimento do debate etnológico e indigenista no país, através da existência de um número cada vez maior de centros de pesquisa, grupos de trabalho e organizações não governamentais lidando com assuntos correlatos. A produção de todos os membros fundadores – abrangendo trabalhos acadêmicos, assessorias a projetos, laudos antropológicos, entre outros – está, de certo modo, articulado a este movimento maior. A existência do Centro tornará possível o aproveitamento mais sistemático desta produção, ao fornecer um canal institucional específico para o intercâmbio de pesquisadores, de publicações e de informações (CPEI, 1995: 1).

Leio também nesse relatório de criação do Centro que, em 1996, dentre várias atividades que deveriam ser realizadas como seminários, cursos de extensão e encontros, constava uma mostra de vídeos etnográficos. Efetivamente, em 1996, organizamos a I Mostra de Etnologia Indígena em Multimeios, com a colaboração do Centro de Trabalho Indigenista, Centro de Produção Cultural e Educativa/UnB, Instituto de Artes e Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp e Laboratório de Imagem e Som em Antropologia/USP. O programa da Mostra compreendia uma seleção excelente de vídeos etnográficos e registro de imagens sobre sociedades indígenas e uma mesa de debates com representantes importantes da produção audiovisual em Etnologia Indígena na época.

A par de minha própria realização como pesquisadora que contava desse modo com a oportunidade de transitar entre a Antropologia e a Arte, uma iniciativa como essa deve ser ressaltada como importante conquista no meio acadêmico, presente então nos primórdios do CPEI. O caráter interinstitucional e interdisciplinar das atividades e da composição dos membros do Centro marcou um início que se, de um lado, mais parecia uma tentativa sem muito fôlego pois faltavam condições efetivas de apoio (material, infraestrutura, administrativo), de outro, cumpria o que se espera de mais importante e promissor para um futuro verdadeiramente acadêmico e produtivo de um Centro de Pesquisa. A troca entre pesquisadores de instituições e entre áreas afins como contribuição ao “debate etnológico e indigenista” estava lá, na sua origem.

Devo destacar ainda, do ponto de vista pessoal, que minha participação nos anos 1990 e 2000 nos seminários realizados pelo Centro representou uma importante oportunidade para manter o diálogo com os colegas antropólogos, necessidade fundamental de meu fazer acadêmico interdisciplinar e para aplacar minha solidão de um “estranho no ninho de artistas”. Para esses seminários, além dos docentes membros do próprio Centro e de seus orientandos, eram convidados especialistas em Etnologia Indígena, do Brasil e do exterior, como Peter Gow, e de áreas afins, para citar alguns, como os arqueólogos Fabíola Silva e Michael Heckenberger, indigenistas como Carla Antunha Barbosa do Centro de Trabalho Indigenista, ativistas da causa indígena como Oswaldo Sevá e liderança indígena como Ailton Krenak.

A partir desse esforço dos primeiros anos de existência do CPEI, pude observar já mais afastada, o desenrolar de etapas posteriores que vieram consolidar sua institucionalização como centro de pesquisa e dinamizar suas atividades. Os seminários passam a ser organizados pelos alunos da Pós-graduação em Antropologia do IFCH que, além disso, deram continuidade ao debate de seus projetos de pesquisa, mantendo viva, assim, a iniciativa fundadora, até se estruturarem melhor e alcançarem parcerias com outras instituições para ampliar desse modo o espectro de atividades. Internamente, para consubstanciar ações que realizassem os objetivos do Centro, grupos de trabalho são criados e projetos de pesquisa são desenvolvidos. Muitos eventos desdobraram o elenco de atividades que promovem o intercâmbio e divulgação da produção científica de nossa área. Elaboração de regimento interno e atualização no diretório de grupo de pesquisa do CNPq dão sequência à institucionalização, garantia ou, ao menos, condições básicas para consolidar aquele desejo e ideia iniciais que eu havia compartilhado. A publicação de um periódico digital, finalmente, a *Maloca: Revista de Estudos Indígenas*, coroa um trajeto de 26 anos, a incrível sobrevivência, por tanto tempo, de uma ideia e desejo, a despeito das transformações e variados contextos locais, o da própria universidade, e mais abrangentes, o do país e do mundo. Só porque acreditamos na ciência. Nunca tão necessária como nos dias de hoje.

Lembranças do começo do CPEI

Por Robin Michel Wright³

A ideia de um Centro de Etnologia Indígena na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) foi discutida pela primeira vez entre vários professores e professoras de antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), por volta do final dos anos 1980. Na época, havia um interesse muito forte em História Indígena e do Indigenismo, parte de um movimento maior na etologia brasileira liderado por Manuela Carneiro da Cunha, então professora titular da Universidade de São Paulo (USP).

Quando cheguei à UNICAMP como bolsista visitante da Fulbright, em 1985, foi para ensinar História Indígena, com base na minha pesquisa de doutorado sobre história indígena no Alto Rio Negro, especificamente entre os Baniwa. Os meados da década de 1980, porém, foram anos bastante ativos politicamente na região amazônica em geral, e principalmente no Xingu, no Alto Rio Negro e no território Yanomami. Isso se deveu à mineração ilegal generalizada em terras indígenas, semelhante ao que está acontecendo hoje, bem como aos empreendimentos hidrelétricos em larga escala. Eu estava envolvido em diferentes atuações em cada uma dessas questões, então eu não pude dedicar tempo para avançar ideias para um Centro naquela época.

Enquanto isso, a Profa. Manuela havia efetivamente organizado um movimento de pesquisa em São Paulo com foco na História Indígena no Brasil, incluindo entre outros a Profa. Nádia Farage, o Prof. John Monteiro e eu. Seminários regulares foram realizados para discutir a pesquisa de cada pessoa. Essa foi a primeira vez que as discussões com foco na nova área de pesquisa em História Indígena e do Indigenismo, e utilizando uma abordagem multidisciplinar, ocorreram no Brasil. Foi um momento muito marcante estar fazendo essa pesquisa no Brasil, resgatando histórias que nunca haviam sido contadas, através do trabalho de arquivo e, eventualmente, através do estudo das histórias orais. Ao mesmo tempo, essa pesquisa forneceu subsídios para inúmeros debates políticos e jurídicos que afetam os direitos dos indígenas às suas terras.

Foi na época de uma conferência sobre “História Indígena e do Indigenismo”, realizada na USP em 1992, que nós, docentes da

3. Formado em Antropologia no Bacharelado (Bates College, 1972), Mestre (Stanford University, 1974) e Doutor (Stanford, 1981). Foi Professor Visitante pela Fulbright em 1985 e Professor Assistente, Livre Docente, e Titular pela UNICAMP entre 1985 e 2005. Atualmente é Professor de Religião na Universidade da Florida.

UNICAMP, decidimos formar nosso próprio Centro, cujo enfoque abriria um espaço para abranger a Etnologia Contemporânea e seus diversos paradigmas. Éramos um pequeno grupo de docentes dos Departamentos de Antropologia IFCH e Linguística do IEL (Vanessa Lea, Nádia Farage, John Monteiro, Wilmar D'Angelis, Marcio Silva, e eu) e do Instituto de Artes, com o importante apoio da então Diretora Profa. Regina Muller. Cada um dos docentes convidou os seus orientandos do Mestrado e Doutorado pesquisando diversas áreas indígenas no Brasil e em outros países da América do Sul para participar e, de início, imaginamos o Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena como um lugar onde poderíamos nos reunir em grupo, trocar ideias e discutir projetos. Eventualmente, com o apoio do Departamento de Antropologia e do IFCH – poderíamos convidar palestrantes, estimular debates e estabelecer uma identidade como Centro de Pesquisas em Etnologia Indígena na UNICAMP. No primeiro folheto do Centro, lemos que:

O Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena, criado em 1996, é uma iniciativa dos docentes do Departamento de antropologia, em parceria com colegas do Instituto de Artes e do Instituto de Estudos da Linguagem que tem por objetivo principal o estabelecimento de um espaço institucional voltado para a recepção, produção e divulgação sistemática do conhecimento em Etnologia e áreas afins, com particular ênfase nas sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul.

9

Tendo dado esse primeiro passo, tivemos então que encontrar um espaço para abrigar o novo Centro. A Profa. Marisa Correa sempre apoiou a ideia de um Centro de Etnologia e, como Diretora do IFCH, arranhou um espaço para nós no primeiro andar do prédio dos professores, uma sala dupla que incluiu o meu escritório dentro do espaço maior do Centro. Foi lá que realizamos reuniões internas periódicas e seminários, e planejamos uma série de palestras públicas com renomados estudiosos brasileiros e internacionais.

Como Diretor Interino do Centro entre 1996-98, organizei um “Relatório de Atividades” para os dois anos. Nele, verifica-se um programa intenso de atividades com seminários quinzenais, mostras de vídeos etnográficos, e publicações. Durante o segundo semestre de 1996, tanto os doutorandos quanto os docentes apresentaram as suas pesquisas, e receberam palestrantes de outras universidades e ONGs. Houve no mesmo ano a “I Mostra de Etnologia Indígena em Multi-

meios”, organizada pela Profa. Regina Muller. Colaboramos na organização do “Primeiro Congresso sobre o uso ritual da Ayahuasca” em 1997. Destaco também o lançamento do livro *Área Indígena Kapoto* (1997) e a publicação de *Parque Indígena do Xingu* (1997b), ambos da autoria da profa. Vanessa. Em maio de 1998, o Centro promoveu um importante Seminário “Perícias em Áreas Indígenas” com especialistas e advogados.

Um dos projetos que contemplamos, me lembro, foi de iniciar discussões sobre a possibilidade de recrutar mais estudantes indígenas para a UNICAMP. Na época, porém, a Universidade não tinha a perspectiva, nem a infraestrutura que tem hoje, para acomodar novos estudantes de áreas indígenas de todo o país. Estou especialmente satisfeito agora por ver tantos estudantes indígenas do Alto Rio Negro matriculados na UNICAMP. É uma grande satisfação ver os jovens talentosos estudantes Baniwa em várias universidades no Brasil.

Com o passar dos anos, meus interesses de pesquisa e publicação mudaram para o estudo de missões em áreas indígenas e a questão mais abrangente de conversão dos indígenas ao Cristianismo. Organizei um subgrupo do Centro de Etnologia Indígena com os nossos orientandos interessados em pesquisar novas perspectivas sobre as cosmovisões indígenas e missões cristãs. Formamos uma rede de pesquisadores em outras universidades no Brasil e criamos o projeto que se chamou “Transformando os Deuses.” Organizamos dois volumes de pesquisa, publicados pela Editora da UNICAMP (1999, 2004), e um terceiro volume com a Profa. Aparecida Vilaça, do Museu Nacional (2009), estabelecendo, assim, uma linha de pensamento e diálogo com estudiosos de todo o país.

Infelizmente, meus anos no Brasil foram interrompidos por razões de saúde. Voltei para os Estados Unidos em 2005. Estou satisfeito que todos os meus arquivos de pesquisa sobre os Baniwa cobrindo um período de tempo entre 1976 a 2018 já foram digitalizados e estão disponíveis para pesquisadores interessados no site das Línguas Indígenas na América Latina (AILLA) da Universidade do Texas⁴. Meus trabalhos publicados estão disponíveis no site: <https://florida.academia.edu/RobinWright>.

As origens do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena (CPEI): perspectiva pessoal

Por Vanessa Rosemary Lea⁵

Fui uma das membros fundadores do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena (CPEI), no IFCH, em 1996, o qual coordenei em duas épocas: no segundo semestre de 2003; e de março de 2009 a março de 2012. A atividade principal do CPEI era a realização regular de seminários para informar os alunos sobre pesquisas em andamento e sobre questões relevantes para a etnologia, tais como a polêmica a respeito da construção da hidrelétrica de Belo Monte, contando com a perícia (expertise) do saudoso Prof. Sevá, do Departamento de Energia (FEM/UNICAMP). Que me lembre, o primeiro seminário que organizei no ano da criação do CPEI foi a palestra ministrada por Peter Gow, morto prematuramente em 2021, após uma doença prolongada, deixando uma marca forte na Antropologia das Terras Baixas da América do Sul.

Ao conversar com outros colegas a respeito da origem do Centro de Pesquisa em Etnologia (CPEI), constatei que a história do seu surgimento varia de uma pessoa a outra. Em tempos que cheiram a genocídio indígena, é difícil projetar a memória para algo no passado quando o presente é tão urgente. A APIB levou a situação indígena contemporânea no Brasil para a Corte de Haia e está sendo votado algo inconstitucional, o marco temporal, que carece de qualquer sustentação jurídica. Ou seja, a racionalidade foge ao governo e aos ruralistas.

Desde a pandemia de 2019, somos lembrados do CPEI principalmente pela bela pintura do muro externo do prédio onde se situa, feito pelo artista Denilson Baniwa.

A primeira parceria entre dois dos futuros fundadores do CPEI foi entre 1986-1988, quando eu e Wright coordenamos um projeto financiado pela FINEP, “Estudos Diacrônicos e Sincrônicos dos índios do Brasil”. Eu lidava com organização social e Wright com questões históricas. Consegui realizar uma viagem de campo em 1987 um ano depois de defender minha tese de Doutorado no Museu Nacional, UFRJ, e o dinheiro acabou.

Um dos eventos marcantes, do meu ponto de vista, foi o seminário com a participação de Bruna Franchetto (Museu Nacional, UFRJ), Virginia Valadão (Centro de Trabalho Indigenista) e Sergio Lei-

5. Formada em Política e Sociologia na América Latina, na Universidade de Essex; mestrado (M. Phil) na Universidade de Oxford, Doutorado no Museu Nacional e Pós-doutorado na Universidade de Cambridge. Fui professora convidada no Laboratório de Antropologia Social em Paris. Realizo pesquisa no Brasil Central desde 1977, com os Kawaiwete (Kayabi) e desde 1978 com os Mëbêngôkre, Jê Setentrionais. Fui docente do Depto de Antropologia de 1983-2014 e atualmente sou Profa. titular colaboradora do PPGAS-UNICAMP.

tão (Instituto Socioambiental), de lançamento de duas perícias de minha autoria, referentes a laudos antropológicos realizados no Parque do Xingu e no Kapoto (MT), como perita da Justiça Federal. Tragicamente, por ser tão prematuro, Virginia Valadão morreu de infarto pouco tempo depois do seminário com apenas 46 anos de idade. O seminário foi transcrito para publicação e ia circular pelos participantes, para cada um revisar a parte referente a sua fala. Acabou não vendo a luz do dia porque a única cópia ficou nas mãos de Sergio Leitão, na época do Instituto Socioambiental (ISA), Brasília. Houve interesse considerável em adquirir as duas publicações, *Kapoto: Laudo Antropológico* (1997) e *Parque Indígena do Xingu: Laudo Antropológico* (1997b), mas a logística do IFCH não deu conta do atendimento ao público nem do envio. Há cópias encalhadas até hoje que deveriam ser entregues a escolas indígenas e juristas que trabalham com questões indígenas.

Em novembro de 2001, o IFCH recebeu a visita de uma delegação Maori, da Nova Zelândia, com tradução simultânea para *performers* e para o debate realizado à tarde por dois membros da mesma delegação. Esse evento, notavelmente a performance de dança, atraiu uma plateia empolgada. Os homens apresentaram a célebre *huka huka*, fazendo muito sucesso não somente entre alunes, mas também professores e funcionárias, um dos poucos eventos a conseguir isso no IFCH, beneficiado pela apresentação ser ao ar livre.

Mesmo com a criação do CPEI, os interesses dos docentes eram tão diversificados que não optamos pela criação de um projeto temático. Meu projeto mais promissor e pioneiro (1998-2000) visava a criação de um dicionário (ou léxico) da língua Mëbêngôkre (Kayapó). Conteí com dois alunos de Pós-Graduação em Linguística (Amélia Reis Silva e Andrés Pablo Salanova), do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), para a pesquisa propriamente linguística e a compilação dos dados. Ao iniciar um Pós-doutorado e passar um ano na Universidade de Cambridge (2000-2001), precisei entregar a coordenação do projeto para outro docente. Foi o Dr. Wilmar Rocha d'Angelis, professor do IEL, que assumiu a responsabilidade pelo término do projeto perante a FAPESP. Subsequentemente, uma série de intrigas significou que o projeto não pode ser completado.

Não há espaço para lembrar todos os alunes que contribuíram ao CPEI, então vou lembrar apenas os alunes indígenas pioneiros, que faziam parte do Centro enquanto frequentavam o IFCH. A primeira,

Dorotea Gómez Grijalva, uma mulher Maya, orientada por Robin Wright, defendeu sua dissertação de mestrado intitulada *A etnia e o gênero na construção do Estado-Nação guatemalteco* em 2007, no IFCH. Recentemente ela publicou no Brasil o livro *Meu corpo é um território político* (2020), pela Zazie Edições. Em 2012, dois orientandos meus, um casal Mapuche, defenderam suas respectivas dissertações de mestrado: *Todavía sigo siendo mapuche en otros espacios territoriales (Mapuchewkülekan kake Fütal mapu mew)*, de Jimena Gloria Pichinao Huenchuleo, e *La idea de “Dios” y “Diablo” en el discurso ritual mapuche: las resignificaciones de las categoría Dios y Diablo entre las autoridades socioreligiosas mapuche del territorio Wenteché*, de José Quidel Lincoleo (cf Referência ao final). Em seguida José Quidel Lincoleo ingressou no doutorado e, sob minha orientação, defendeu a tese: *La noción mapuche de che (persona)* (2020), que está no prelo no Chile, tornando-se o primeiro Doutor indígena em Antropologia Social no IFCH.

Os interesses dos etnólogos não cabem em apenas uma planilha tipo Excel. Consequentemente, reúno aqui meus próprios interesses na lista dos seminários no CPEI ou Departamento de Antropologia que organizei, alguns com a ajuda de alunos.⁶ A seguinte lista é mais informativa (para documentar o trabalho do CPEI), do que uma tentativa de narrativa. No entanto, seria merecida uma narrativa paralela de John Monteiro (*in memoriam*) no que diz respeito às pesquisas sobre História Indígena, um nome saudoso que fez uma grande contribuição à área de História Indígena e foi membro ativo do CPEI. Na gestão de José Maurício Arruti (2013), o CPEI foi registrado nos grupos de pesquisa do CNPq.

Lista de eventos no CPEI:

- 2011 “A criação de um web site para os Kaingang na sua língua”, por Wilmar Rocha D’Angelis.
- 2011 “Comentários acerca do 1º Simpósio Indígena sobre usos da internet em comunidades no Brasil”, por Paula Morgado (ISA) e Nicodème de Renesse (USP).
- 2011 “Escritura, imagen y archivos en el Wallmapu (Chile y Argentina): del toldo letrado a la misión protestante”, por Jorge Pavez.
- 2010 “Sobre servos, companheiros e filhos: Interações técnicas e simbólicas na introdução da criação animal em

6. Geralmente omitia meu nome dos eventos do CPEI e, retrospectivamente, vejo que isso tendia a me invisibilizar perante o restante do IFCH. Esta lista foi compilada no meu CV pessoal. Não se deve delegar a Lattes a salvaguarda de seu currículo, perante o painel do sistema em julho de 2021.

aldeias indígenas no Brasil”, por Felipe Ferreira Vander Velden.

- 2010 “Aproximações aos conhecimentos agrícolas dos Wajãpi do Amapari”, por Joana Cabral de Oliveira.
- 2010 “Terremoto no Haiti e Chile. Uma olhada desde a diferença”, por Omar Ribeiro thomaz e José Quidel Lincoleo.
- 2010 “Seminário: Sobre Esposas, Xerimbabos e Flechas: o casamento e os seus homólogos entre os Awá-Guajá”, por Uirá Felipe Garcia.
- 2010 “Invisibilidade, figurações da “cultura” e nexos da diferença. Notas sobre um trabalho entre os guarani no litoral norte e capital paulista”, por Valéria Macedo.
- 2010 “O patrimônio arqueológico em Terras Indígenas: algumas considerações sobre o tema no Brasil”, por Fabíola Silva.
- 2010 “Experiência e diferenciação: a convivência entre os Koripako e militares no noroeste amazônico”, por Fabiane Vinente.
- 2010 “Pintura aborígine na Austrália: notas sobre a produção e a comercialização de arte indígena contemporânea”, por Ilana Goldstein.
- 2010 “Arte Indígena”, por Elsje Lagrou.
- 2009 “De ervas amargas e fragrantas: medicina, botânica e os sentidos entre os Matsigenka (Arawak) e Yora/Nahua (Pano) do Peru”, por Glenn H. Shepard Jr.
- 2009 “Redes de tradução entre os Waiwai do Norte Amazônico: Conexões laterais através do duplo campo da antropologia”, Evelyn Schuler Zea.
- 2009 “Referências teórico-metodológicas da Etnologia Sul-Americana no início do século XX”, por Beatriz Christino.
- 2009 “Intercâmbio de bens e circulação de pessoas nas Guianas: instrumentos para o mapeamento de redes”, por Gabriel Coutinho Barbosa.
- 2009 “Antropología en contextos de afirmación política mapuche. El caso: *Pu Mapunche Ñi Gijañmawün*, Estudio realizado por COTAM, en el marco de la Comisión Verdad Historica y Nuevo Trato”, por Jimena Gloria Pichinao Huenchuleo e José Quidel Lincoleo.

- 2009 “Aspectos da produção de conhecimento em materiais didáticos de autores indígenas”, por Igor Scaramuzzi.
- 2009 “Projetos desenvolvimentistas e os povos indígenas: o conflito da usina hidrelétrica Belo Monte”, por Oswaldo Sevá, Regina Muller e Francisco Del Moral,
- 2008 “História e cosmogonia segundo as elites mesoamericanas e andinas: fontes”, por Eduardo Natalino Santos.
- 2008 “Problemas intrínsecos e graves da expansão mineral, metalúrgica, petrolífera e hidrelétrica nas Amazônias”, por Oswaldo Sevá.
- 2007 “Mobilidade e processos de territorialização entre os Kaiowá atuais”, por Levi Marques Pereira.
- 2007 “Indicadores Relativos à Educação Escolar Indígena no Brasil”, por Marta Azevedo.
- 2007 “Urbanismo antigo em Amazônia Meridional (Mato Grosso)”, Michael J. Heckenberger.
- 2007 “Projeto de produção multimeios sobre os Assurini do Xingu”, por Regina Polo Müller.
- 2006 “O território do conhecimento tradicional indígena”, por Carla Gonçalves Barbosa.
- 2006 “A morte e os mortos entre os Mebêngôkre (Kayapó) do Brasil Central”, por Lea Vanessa.
- 2006 “Estratificação social e dialetos prosódicos no Kadiwéu.”, por Filomena Sandalo.
- 2005 “Barragens do rio Xingu? Informes básicos para Ciências Humanas e Naturais, e Engenharias”, Oswaldo Sevá e Secundino Soares Filho.
- 2004 “Valorização dos conhecimentos tradicionais e desenvolvimento sustentável: experiências dos Wajãpi, no Amapá”, por Dominique Gallois.
- 2004. “O conhecimento tradicional das populações indígenas e a adequação de sua proteção à legislação nacional e internacional – o estado da pesquisa”, por Carla Gonçalves Antunha Barbosa.
- 2003. “Alguns elementos profundos de uma crise política: o levantamento popular de outubro na Bolívia”, por Ricardo Cavalcanti.

- 2002. “Brideservice and the absent gift”, por Stephen Hugh-Jones
- 2001 “Performance de música, de dança e debate. Atuação também como tradutora simultânea no debate da tarde”, por Delegação de Maori da Nova Zelândia.
- 1998. “Seminário sobre perícias referentes a áreas indígenas” e lançamento da publicação de duas perícias realizadas no Parque do Xingu e no Kapoto (MT), por Vanessa Lea, Bruna Franchetto, Virginia Valadão, Sergio Leitão.
- 1996 “A Origem mítica da escola entre os Piro do Urubamba.”, por Peter Gow.

Eventos com os quais me envolvi que antecederam a criação formal do CPEI:

- 1995 Coordenação de um ciclo de filmes na área de Etnologia, ao longo do segundo semestre, com a exibição de *Coração de Trovão*, direção Michael Apted, *Et la lumière fut*, direção Otar Iosseliani, *O Brasil Grande e os Índios Gigantes*, direção Aurélio Michiles, *Davi contra Golias Brasil Caim*, direção Aurélio Michiles, *Brincando nos Campos do Senhor*, direção Héctor Babenco, *Os Arawete*, direção Murilo Santos, *Boca livre no Sararé* e *Meu amigo garimpeiro* vídeos do CTI, *Eu já fui seu irmão*, *A festa da moça*, *Wai’a*, *o segredo dos homens*, *Vídeo nas aldeias*, *Pemp*, *O Espírito da TV*, *Qual é o jeito Zé*, todos de direção de Vincent Carelli, *A arca dos Zo’é*, direção de Vincent Carelli e Dominique Gallois. Foram adquiridos vários vídeos do projeto *Video nas Aldeias*, de Vincent Carelli e Virgínia Valadão para a biblioteca do IFCH.
- 1994 “Trilhas para alcançar a música indígena brasileira – Vivências e aprendizado”, por Marlui Miranda, e concerto *Nheengar*, de Marlui Miranda, junto com os músicos Rodolfo Stroeter, Benjamin Taubkin e Caíto Marcondes.
- 1993 “As etnias amazônicas de Peru”, por Ângelo Corbera Mori.
- 1993 “Uma alternativa para a depredação de madeira: desenvolvimento autosustentável”, por Isabelle Vidal Giannini.

- 1993 “Sistemas dravidianos na Amazônia”, por Márcio Ferreira Da Silva.
- 1993 “Amizade formal e aliança matrimonial Jê”, por Vanessa Lea.
- 1993 “Antropologia e Linguística/Cultura e Língua: a perspectiva de Boas, Sapir e Whorf”, por Tania Maria Alkmim.
- 1993 “Catástrofe e regeneração: abordagens recentes do milenarismo na Amazônia”, Robin Wright.

7. Linguista e indigenista, professor do Departamento de Linguística, IEL-Unicamp.

Fragmento de memória: uma história da qual me orgulho de ser parte

Por Wilmar R. D'Angelis⁷

Essa não é uma história oficial da criação do CPEI (Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena), no IFCH da UNICAMP; é apenas a minha interpretação dela, ou minha memória do que começamos há um quarto de século. O/A leitor/a não espere encontrar aqui qualquer revelação fantástica, ou mesmo inédita. São mesmo fragmentos de memória.

No princípio da década de 1990 um grupo de docentes do Departamento de Antropologia, do IFCH-UNICAMP, constituía um importante núcleo ativo de pesquisa e de formação de pesquisadores nas áreas da Etnologia Indígena e Etnohistória: Vanessa Lea, Robin Wright, Márcio Silva e Nádia Farage. A integração de John Monteiro, a esse grupo, como novo docente do Departamento, em 1994, marcou um importante momento de articulação para uma maior atuação conjunta. Penso que, daquele momento em diante, além do reconhecimento que já possuíam, como expoentes da área, cada um dos pesquisadores individualmente, o IFCH Unicamp ganhou nova e maior expressão, nacionalmente, como *locus* de produção de conhecimento e formação de pesquisadores em Etnologia Indígena. Fora do espaço acadêmico, por outro lado, o momento no país era de intensa atividade do movimento indígena, na década inaugurada pela Constituição de 1988, a Constituição da redemocratização do país. Do Sul ao Norte, diversas terras indígenas eram retomadas ou reconquistadas no período, e especialmente no Nordeste surgia um vigoroso movimento de identidades indígenas emergentes.

Nesse contexto é que surge, de quatro colegas antropólogos do IFCH (Vanessa, Robin, John e Márcio), a proposta de constituição de um espaço agregador, colaborativo e alimentador de novas vocações para a área: a proposta do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena. Pensado, desde o início, como um espaço mais amplo de diálogo acadêmico, os docentes do IFCH agregaram, ao grupo inicial, seus orientandos em doutorado na mesma área (Juracilda Veiga e Odair Giralдин, sob orientação de Vanessa; Ranulfo Caverо, de Robin; Isabelle Braz Peixoto, de John; penso que também Edmundo Peggion, de Márcio), assim como colegas docentes de Institutos “vizinhos”: do Instituto de Artes, a antropóloga Regina Muller; e do Instituto de Estudos da Linguagem, Tania Alkmim, sociolinguista, e eu próprio, da área de Línguas Indígenas, ambos do Departamento de Linguística. Minha memória possivelmente falha em relacionar todos os envolvidos.

Já no primeiro ano de sua criação, o CPEI marcou as atividades do IFCH com diversos seminários, onde docentes e doutorandos apresentaram resultados de suas pesquisas. Os primeiros anos de atividade do CPEI mostraram sua relevância para atrair novos estudantes para essa área de pesquisa, fazendo crescer, em muito, sua relevância dentro da Unicamp. Além dos seminários, realizados mensalmente, viriam, depois, as mostras de vídeo etnográfico. Ambas as atividades (seminários e mostras) continuam sendo momentos permanentes de encontro e diálogo do CPEI. Uma pequena sala foi alocada no prédio da Pós do IFCH, que se tornou espaço de constante presença e encontro dos estudantes da área, especialmente. Ali teve início uma biblioteca específica: dissertações, teses, livros, jornais e outras publicações de antropologia e do indigenismo. A questão indígena ganhou, ali, um espaço vivo e permanente.

Minha dedicação ao meu próprio doutorado, em paralelo às atividades docentes, logo nos primeiros anos do CPEI, e em seguida, minha intensa dedicação a trabalhos de extensão junto a comunidades indígenas, especialmente do Sul do Brasil e do Oeste Paulista, e então já ocupado também com meus próprios orientandos, me fizeram acompanhar menos intensamente do que eu gostaria os Seminários do CPEI. Mas sempre que estive presente, encontrei ali um espírito caloroso de encontro de pessoas, não apenas envolvidas, mas comprometidas com os mesmos interesses, tanto intelectuais quanto políticos, em solidariedade permanente com as populações originárias.

O diálogo interdisciplinar, que se realiza no âmbito do CPEI, é da maior importância, e possivelmente um dos aspectos que pode e merece ser intensificado. Antropólogos, linguistas, historiadores, educadores e pesquisadores de outras tantas áreas, encontram ali um espaço de colaboração crucial para o campo da questão indígena. Minha área, em particular, é a da Linguística Antropológica, que não admite prescindir do conhecimento e da abordagem antropológica para o conhecimento de qualquer língua indígena. E um dos encontros mais gratificantes, no CPEI, foi com pesquisadores como Vanessa Lea, cuja abordagem antropológica de uma sociedade indígena não admite prescindir do conhecimento linguístico (não apenas no sentido de falar a língua indígena, mas de ser capaz de analisá-la).

Vejo a criação do CPEI como um marco decisivo para a questão indígena na UNICAMP. Mesmo conquistas recentes, como o Vestibular Indígena, e a criação da CAIAPI (Comissão Assessora para a Inclusão Acadêmica e Participação dos Povos Indígenas), ainda que não pareça, de imediato, são fruto de uma história na qual a criação do CPEI e suas atividades tiveram participação relevante.

Referências

- CPEI. 1995. Documento de Fundação do CEPEI. Campinas: CENTRO DE PESQUISA EM ETNOLOGIA INDÍGENA. <https://www.cpei.ifch.unicamp.br/documentos>.
- Gomez Grijalva, Dorotea Antonia. 2007. *A etnia e o genero na construção do Estado-Nação guatemalteco*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279330>
- Gomez Grijalva, Dorotea Antonia. 2020. *Meu corpo é um território político*. Zazie Edições: Copenhague; Rio de Janeiro. ISBN 978-87-93530-42-3.
- Lea, Vanessa. 1997. *Área indígena Kapoto: laudo antropológico*. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH.
- Lea, Vanessa. 1997b. *Parque indígena do Xingu: laudo antropológico*. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH.
- Pichinao Huenchuleo, Jimena Gloria. 2012. *Todavía sigo siendo mapuche en otros espacios territoriales (Mapuchewkülekan kake Fütal mapu mew): Todavía continuo sendo mapuche em outros espaços territoriais (Mapuchewkülekan kake Fütal mapu mew)*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281578>.
- Quidel Lincoleo, José. 2012. *La idea de “Dios” y “Diablo” en el discurso ritual mapuche: las resignificaciones de las categoría Dios y Diablo entre las autoridades socioreligiosas mapuche del territorio Wenteche = A idéia de “Deus” e “Diabo” no discurso ritual mapuche: as resignificações das categorias de Deus e Diabo entre as autoridades socioreligiosas mapuche do território wenteche*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281576>.
- Quidel Lincoleo, José. 2020. *La noción mapuche de che (persona): A noção mapuche de che (pessoa)*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/351209>.
- Wright, Robin Michel (org.). 2004. *Transformando os deuses (Vol. 2)*. Campinas, SP: UNICAMP.
- Vilaça, Aparecida & Wright, Robin Michel (eds.). 2009. *Native Christians: modes and effects of Christianity among indigenous peoples of the Americas*. Aldershot, U.K.: Ashgate.